

(Re)visitar a Escola da Ponte constituiu um duplo prazer! Pelo trabalho que aí é desenvolvido, mas também pelo facto de persistir no tempo!, pese embora a envolvência do sistema educativo português e, tendo sido, mais recentemente, integrada num agrupamento de escolas. É, ainda, como fazer uma viagem a um mundo onde se vai às compras à “loja das mãos”¹, onde cada objeto é único, fruto de um trabalho apurado, em que cada pormenor importa, sendo necessário dar tempo. Tempo para que o processo de criação ocorra.

Na Ponte, a individualidade de cada criança/jovem é passível de se sentir no ar, entranha-se-nos na pele! Mas também a calma, a serenidade, a dedicação, o Ser! Este cuidar com delicadeza da criança e do jovem, reconhecendo a unicidade de cada um, requer um olhar e um atendimento singulares, de forma a ir tecendo o percurso e a aprendizagem, na interação com os restantes elementos da comunidade, como acontece na Vida!!!

¹ Rubem Alves, crónica Escola da Ponte – 2 in
http://www.educacao.rs.gov.br/dados/edcampo_texto_rubem_alves_a_escola_com_que_---_existir.pdf, acedido em
2016.02.10

Assalta-me a memória, a arte com que os artesãos trabalhavam e como a técnica implícita assenta bem no trabalho da escola, enquanto atelier, “fazendo uma coisa única, que nunca mais se repetiria: em cada objeto o rosto do que o produzira, cada objeto uma experiência de felicidade narcísica. É isso que combina connosco, seres humanos, únicos, que nunca se repetem”.²

Na Ponte aprende-se pesquisando, com ajuda dos colegas e a orientação dos professores. A relação pedagógica assenta em padrões democráticos. O orientador educativo, docente que acompanha a gestão das aprendizagens do aluno e com ele analisa e reflete o percurso escolar, é escolhido pelo discente. Nesta relação, todos aprendem. O aconchego faz parte do processo. Não se aprende sozinho na Ponte. A transição de nível faz-se por referência ao grau de autonomia que a criança/jovem vai adquirindo, desde a iniciação, passando pela consolidação e chegando ao aprofundamento, num crescendo de responsabilidade.

² Karl Marx, citado por Rubem Alves, crónica, “Quero uma escola retrógrada...” in http://www.educacao.rs.gov.br/dados/edcampo_texto_rubem_alves_a_escola_com_que_---_existir.pdf, acedido em 2016.02.10

Na Escola da Ponte há alunos, há professores, há assistentes operacionais, há salas, há secretárias, há cadeiras, há computadores, ... como nas outras escolas. Mas também há uma prática que nasceu ali, que perdura ali, espanta quem lá vai... mas acaba por não se replicar para além de S. Tomé de Negrelos, freguesia onde se localiza a escola. Neste espaço pratica-se a autonomia desde tenra idade, mas também o respeito, a responsabilidade, o espírito de iniciativa e a liderança. Os alunos são os protagonistas. Os professores, os assistentes operacionais e as famílias colaboram, são a malha que sustenta o projeto. Os adultos ensinam, sobretudo pelo que são! E todos aprendem com todos. E como no mundo lá fora... também há encontros e desencontros... que são alvo de análise por todos e a solução é encontrada no grupo, fruto da participação de todos. Como tão sabiamente escreveu João dos Santos, “a escola só é democratizante, quando integra e simultaneamente influencia a cultura local, regional e nacional e quando nela se aprende a Ver e a Falar”.³

³João dos Santos. Ensaios sobre Educação II, (2009, pág. 51). Livros Horizonte.

Pela manhã, fomos recebidos e guiados por uma equipa de dois alunos, que calmamente saciaram a nossa curiosidade e nos mostraram a escola. O depoimento foi feito na primeira pessoa e percebia-se que o discurso incorpora a prática, o quotidiano, o vivido. Houve tempo para questionar, ver, partilhar... O Júlio, mais velho, há 8 anos na escola, deu voz à Matilde, com dois anos de experiência na Ponte, mesmo quando a questão lhe era dirigida, mas sempre que adivinhava que poderia ser a benjamim a explicar! Sentimos que cada um é absolutamente responsável pelo seu percurso e pela história do grupo e da instituição. Percebemos que os alunos que chegam pela primeira vez, vão aprendendo com quem já conhece as práticas. Dispositivos como Eu já sei, Preciso de ajuda ou Acho mal constituem preciosas ferramentas de promoção de aprendizagem colaborativa e da expressão de si. O aluno exprime necessidades e interesses e é ajudado pelos pares ou pelos professores, mas pode também agente de apoio. Estes dispositivos promovem a autonomia e corporizam o sentido da responsabilidade individual e de grupo. Esta responsabilidade organiza-se em grupos de trabalho, em torno de aspetos/assuntos que se prendem com o quotidiano da escola, como numa micro-sociedade. Estes grupos de responsabilidade, cobrem todos os aspetos de vida da escola, desde Recreio e Jogos de Mesa, Livros e Companhia, passando por Datas e Eventos ou Clique Solidário, entre muitos outros.

O trabalho desenvolvido no seio destes grupos, como a identificação de situações que requerem reflexão e a construção de propostas de solução, é apresentado pelos elementos do grupo na Assembleia, potenciando a divulgação e a reflexão dos assuntos pela comunidade escolar. Esta circunstância implica a mobilização efetiva de competências sociais mas também competências específicas das diferentes áreas do conhecimento em contexto real, a organização Escola. À tarde, na Assembleia onde ocorre a partilha de atividades, trabalhos e reflexões, emoldurados pelos contributos e apreciações dos presentes, foi evidente que “as emoções sentem-se; os sentimentos vivem-se; os gestos explicitam o que dentro de nós se passa; o traço perpetua o que vivenciamos no limite do que condescendemos em mostrar”.⁴

Existir à margem do sistema não é, seguramente, fácil e exige persistência e vontade férrea. A determinação dos alunos e das famílias nunca deixará sucumbir o projeto! Mas também as inúmeras investigações científicas, que atravessam todas as geografias e que exaltam os aspetos ímpares desta organização.

⁴ João dos Santos. Ensaio sobre Educação II (2009, pág. 224). Livros Horizonte.

O organismo central⁵ responsável pela supervisão rendeu-se às especificidades e plasma no relatório de 2013 que “no processo de ensino e aprendizagem o aluno é o sujeito da sua ação, num confronto intra-individual e na consciencialização do seu papel no desempenho do grupo, aspetos que servem de incentivo à melhoria das aprendizagens. Neste nicho de ensino mais autónómico, onde a essência é o desenvolvimento de competências e métodos de pensar e agir no confronto de diferentes racionalidades, os alunos encontram um processo de ensino que permite a sua realização enquanto pessoas, como bem ilustra a expressão de um aluno oriundo de uma outra escola «aqui posso ser eu»”.

⁵ IGEC. Ministério da Educação in http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2013-Norte/AEE_2013_EB_Ponte_R.pdf acedido em 2016.02.15

Deixando a Ponte, num regresso crepuscular, as inquietações atropelam-se. Porque não se replica este modelo?, o que é necessário trazer de lá para ser agente de mudança aqui?, se docente, como me sentiria ao passar pelo crivo de escolha do aluno?... Timidamente aceito ponderar o medo, a insegurança, o receio de não saber, o receio de ousar... Mas não serão estas as razões que envolvem qualquer desafio? E logo me detenho no Quanto da Escola da Ponte haverá em cada um de nós profissionais de educação?, ao que José Pacheco não deixaria de responder com outra questão, “afinal, não seremos todos um pouco de cada encontro em que não estivemos distraídos?”⁶

Filomena Ventura, AE Senhora da Hora

⁶ José Pacheco, *Sozinhos na escola* (2003, pág. 117). Profedições, Lda